

PRIAPÉIA GREGA

João Angelo Oliva Neto

Imitação e emulação em 5 poemas marítimos traduzidos da Priapéia grega

Priapéia é um conjunto de epigramas fesceninos, escritos em grego e em latim, relativos ao deus fálico Priapo. A *Priapéia* latina é um conjunto anônimo de 85 epigramas escritos provavelmente entre o século I a. C. e I d. C. pelos poetas da época dita "clássica" da literatura romana – Catulo, Virgílio, Horácio, Propércio, Tibulo, Ovídio – e por aqueles da fase seguinte, Marcial e Petrónio. Este conjunto anônimo chegou até nós propriamente como um *corpus*, cujo manuscrito mais antigo é do século XIV d. C.

Os 37 epigramas da *Priapéia* grega, ao contrário da latina, não chegaram até nossos dias reunidos num manuscrito à parte, mas estão dispersos na *Antologia Palatina* e - outra diferença - têm autoria e data aproximativamente determinadas na maioria dos casos. Convém registrar que a designação *Priapéia* grega para estes epigramas, embora prática,

é aplicação algo artificiosa, calcada nas circunstâncias específicas do unitário *corpus latino*. A *Antologia Palatina*, também chamada *Antologia Grega*, é uma grande coletânea de epigramas gregos de diversos poetas, contida num manuscrito da Biblioteca Palatina de Heidelberg. Copiados maiormente no ano de 980, seus quinze volumes foram descobertos em 1606 e abrangem um intervalo de tempo que se estende do século VII a. C. até o século VI d. C. Em 1299, o monge Máximo Planudes compôs outra antologia, em sete volumes, que, até a descoberta da *Antologia Palatina*, foram a única fonte da poesia epigramática grega. Embora inferior, a hoje denominada *Appendix Planudea* contém poemas ausentes na coletânea maior e constitui o 16º volume das edições contemporâneas como a Loeb Classical Library, inglesa, e a Société d'Éditions "Les Belles Lettres", francesa.

Seguem-se 5 epigramas da *Priapéia grega* que, como se verá, formam um subgrupo à parte no conjunto dos 37 poemas priapeus gregos. O primeiro epigrama, de número 18, inaugura um ciclo de 4 imitações que nos permite vislumbrar certa medida do funcionamento da poética da Antigüidade, em que se divisam a instância da criação (hoje assim chamada) e da imitação. Melhor explicando, a tensão entre *paradigma* (só pelos imitadores assim entronizado) e *imitação* exemplifica precisamente o que os retores antigos chamavam *zélōsis* e *aemulatio*, emulação. É apenas com a *segunda* instância da imitação que se definem uma linhagem e até uma tradição, ou seja, é no momento da *primeira* repetição, amiúde tão depreciada, que se percebe que os procedimentos poéticos de um inventor são apreciados e valorizados, passando à nobre condição de *tópoi koinói*, *loci communes*, lugares-comuns, tão importantes para a configuração das várias dimensões de gênero na poesia da Antigüidade. Se imitar permitia reconhecer, como homenagem, a precedência de tudo aquilo que só então é admitido como paradigma,

Priapéia grega 15, (Antologia Palatina, 10, 2)

ΑΝΤΙΠΑΤΡΟΥ ΣΙΔΩΝΙΟΥ

Ἄκμαϊος ῥοθίη νηὶ δρόμος, οὐδὲ θάλασσα
πορφύρει τρομερῆ φρικὴ χαρασσομένη·
ἤδη δὲ πλάσσει μὲν ὑπώροφα γυρὰ χελιδῶν
οἰκία, λειμώνων δ' ἀβρὰ γελᾶ πέταλα.
τοῦνεκα μηρύσασθε διάβροχα πείσματα ναῦται, 5
ἔλκετε δ' ἀγκύρας φωλάδας ἐκ λιμένων·
λαίφεα δ' εὐυφέα προτονίζετε. ταῦθ' ὁ Πρίηπος
ὑμῖν ἐνορμίτας παῖς ἐνέπω Βρομίου.

Antípatro de Sídon, séc. I a. C – I d. C.

Hora de às naus correr, cortando a onda: o mar
não se atormenta com tremuras crespas.
Já faz redonda casa em tetos a andorinha
e tenras na campina as folhas riem.
Nautas, puxai amarras, do ninho erguei âncoras, 5
inflai a vela urdida, que eu ordeno:
eu, Priapo do cais, filho de Brômio.

Priapéia grega 16, (Antologia Palatina, 10, 4)

ΜΑΡΚΟΥ ΑΡΓΕΝΤΑΡΙΟΥ

Λῦσον ἀπ' εὐόρμων δολιχὰ πρυμνήσια νηῶν,
εὐτροχα δ' ἐκπετάσας λαίφεα ποντοπόρει,
ἔμπορε· χειμῶνες γὰρ ἀπέδραμον, ἄρτι δὲ κῦμα
γλαυκὸν θηλύνει πρηγέλως Ζέφυρος·

ἤδη καὶ φιλότεκνος ὑπὸ τραυλοῖσι χελιδῶν
χείλεσι καρφίτην πηλοδομεῖ θάλαμον·
ἄνθεα δ' ἀντέλλουσι κατὰ χθόνα· τῷ σὺ Πριήπῳ
πειθόμενος πάσης ἄπτεο ναυτιλίας. 5

Marco Argentário séc. I a. C. - I d. C.

Das naus bem atracadas solta o longo cabo,
Larga a vela que se abre, fácil, e faz-te
ó mercador ao mar: fugiram, pois, borrascas,
e Zéfiro efemina a glauca onda.
Já a andorinha que ama os filhos c'ó sonoro 5
bico constrói de barro e palha o leito·
e flores brotam pelo chão. Tu, em Priapo
confiando, enfrenta todo navegar.

Priapéia grega 17 (Antologia Palatina, 10, 5)

ΘΥΙΛΛΟΥ

Ἦδη πηλοδομεῦσι χελιδόνες, ἤδη ἀν' οἶδμα
κολποῦται μαλακὰς εἰς ὀθόνας Ζέφυρος·
ἤδη καὶ λειμῶνες ὑπὲρ πετάλων ἐχέαντο
ἄνθεα, καὶ τρηχὺς σίγα μέμυκε πόρος.
σχοίνους μηρύεσθε, ἐφ' ὀλκάδα φορτίζεσθε 5
ἀγκύρας καὶ πᾶν λαῖφος ἔφεσθε κάλοις.
ταυτ' ὕμμιν πλώουσιν ἐπ' ἐμπορίην ὁ Πριήπος
ὁ λιμενορμίτης ναυτιλίην γράφομαι.

OLIVA, João Ângelo. *Priapéia grega*

Tífflo, séc. I a. C. - I d. C.

Já a andorinha faz de barro um lar e a Zéfiro
a vela suave ao seio acolhe em tímidos
mares; já prados brotam flores sob as folhas
e faz silêncio o rude passadouro.

Puxai a amarra, as naus do cais pesai com âncoras, 5
Soltai as velas todas pelas cordas:
a vós que velejais por mercancia eu,
Priapo, deus dos portos, vos prescrevo.

Priapéia grega 18 (Antologia Palatina, 10, 7)

ΣΑΤΥΡΟΥ

Ἦδη μὲν Ζεφύροιο ποητόκου ὑγρὸν ἄημα
ἡρέμα λειμῶνας πίτνει ἐπ' ἀνθοκόμους·
Κεκροπίδες δ' ἠχεῦσι· γαληναίη δὲ θάλασσα
μειδιάει, κρυερῶν ἄτρομος ἐξ ἀνέμων.
ἀλλ' ἴτε θαρσαλέοι, πρυμνήσια λύετε, ναῦται,
πίτνατε δὲ πτερύγων λεπταλέας στολίδας.
ὦ ἴτ' ἐπ' ἐμπορίην πίσυνει χαρίεντι Πριήπῳ,
ὦ ἴτε δὴ λιμένων δαίμωνι πειθόμενοι.

5

Já de Zéfiro, pai da grama, o sopro úmido
recai suave ao leito em flor dos prados.
Cantam Cecrópides, sorrindo o mar não teme
o vento gélido, mas, eia!, ousados
nautas, popas soltai, finos mantos abri 5
das asas, ei, parti por mercancia
confiantes em Priapo gracioso, eia,
parti, confiados no senhor dos portos.

Dos poemas em foco, o primeiro, tomado como paradigma, apresenta os seguintes *tópoi* articulados por palavras-chave que os êmulos do poeta repetem, substituem, omitem ou desenvolvem:

- 1) chegada da primavera, propícia estação para navegar, marcada
- 2) pela sinédoque do vôo da andorinha (χελιδῶν, 14, 1; 15, 3; 16, 5; 17, 1 e a variação κεκροπίδες no poema 18, verso 3);
- 3) pela presença do advérbio de tempo ἤδη, “já” (14, 2; 15, 3; 16, 5; 17, 1: aqui ἤδη começa a aparecer como primeira palavra do poema, o que é imitado em 18, 1).
- 4) pelo sopro suave do Zéfiro (14, 2; 16, 4; 17, 2; 18, 1; no poema 15 há a reticência do *tópos*, substituído pela perífrase θυδὲ θάλασσά πορφύρει τρομερῆ φρικὴ χαρασσομένη, “o mar/ não se atormenta com tremuras crespas”).
- 5) pelo verdejar dos prados (λειμών. 14, 3; 15, 4; 17, 3; 18, 2; em 16, verso é substituído pela perífrase ἄνθεα δ’ ἀντέλλουσι κατὰ χθόνα, “flores brotam pelo chão”).
- 6) pela calma, metaforizada pelo mar que “silencia” em 14, 3 (σεσὶ γηκεν δὲ θάλασσα); que “não se atormenta” em 15, 1-2 (θυδὲ θάλασσά πορφύρει); que é afeminado em 16, 3-4 (κῦμά γλαυκὸν θηλύνει); em 17, 4, temos a imagem mais trópica: “faz silêncio o rude passadouro” (καὶ τρηχὺς σίγα μέμυκε πόρος); em 18, 3, o mar “sorri”, γαληναίη δὲ θάλασσα.
- 7) Exortação de navegar aos marinheiros por meio de vocativo ou apóstrofe (ναυτίλε, ναῦται, ἔπορε, ὑμῖν πλώουσιν, ναυτιλίης, ἐμπείραμε) com menção:
- 8) do levantar âncora (ἀγκύρα, só em 14, 5; 15, 6; 17, 6)
- 9) do soltar amarras ou ropas (γύαια, πείσμα, πρυμνήσιον, σχοῖνος);

- 10) das velas soltas (ῥθόνη, 14, 6; λαίφος, 15, 7, 16, 2 e 17, 6; στολίς, 18, 6).
- 11) Apresentação de Priapo em primeira pessoa, seguida:
- 12) do epíteto de protetor dos portos (λιμενίτας, 14, 7; ἔνορμίτας, 15, 8; λιμενορμίτης, 17, 8; λιμένων δαίμων, 18, 8; omite-se no poema 16).
- 13) Apóstrofe genérica aos marinheiros (ναυτίλε 14, 6; 16, 8; 17, 8; ναῦται, 15, 5 e 18, 5).
- 14) Segunda exortação a navegar, explicitando-se o escopo mercantil (ἐμπορία, 14, 8; 17, 7; 18, 7; verbo cognato ἔμπορε, 16, 3; omissão no poema 15).

O poeta latino Caio Valério Catulo, no poema 46, recolhe o *tópos* “já + propícia-estação-para-navegar”, mas substitui a fala de Priapo pela do iminente viajante: *iam uer refert tepores./ iam caeli furor aequinoctialis* [...] “Já primavera devolve calor, já o furor no equinócio do céu [...]”. Veja-se que mantém o *iam* como primeira palavra do poema. A mesmo recolhimento faz mais tarde Horácio, *Odes*, 4, 12, *iam ueris comites, quae mare temperant*, “Já sócias do verão, que o mar temperam [...]” (tradução do árcaico português Elpino Duriense). Em ambos os poemas o advérbio *iam* introduz a disponibilidade natural e cósmica para uma humana atividade. “Despriapizando” embora seus paradigmas, mantêm o *tópos* da propícia estação de navegar, deixando clara a existência de dimensão imitativa mais restrita, que é a da *apropriação*, que, não deixa, porém, de igualmente indiciar modelos, por mais estranhos que pareçam, como os epigramas priapeus helenísticos.

Assim, Leônidas de Tarento em particular e o ciclo de imitadores como gênero são mais paradigmáticos do que imaginem quiçá leitores e exegetas de Catulo e Horácio.

João Angelo Oliva Neto é Professor de Língua e Literatura Latina da DLCV-FFLCH/ USP